

MEMÓRIAS PÓSTUMAS
DE BRÁS CUBAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Machado de Assis

MEMÓRIAS PÓSTUMAS
DE BRÁS CUBAS

Apresentação

Lucia Granja

As76a Assis, Machado de, 1839-1908.
Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis –
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção romântica brasileira.
3. Ficção brasileira - Séc. XIX. 4. Assis, Machado de, 1839-1908. I. Título.

CDD – B869.9
– B869.93
– B869.35

ISBN 978-85-268-1902-3

Copyright © desta edição Editora da Unicamp
Copyright © da Apresentação Lucia Granja

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Apresentação	13
Memórias póstumas de Brás Cubas.....	53
Prólogo da quarta edição	55
Dedicatória	57
Ao leitor	59
I - Óbito do autor	61
II - O emplasto.....	64
III - Genealogia	66
IV - A ideia fixa.....	68
V - Em que aparece a orelha de uma senhora.....	70
VI - <i>Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?</i>	72
VII - O delírio.....	75
VIII - Razão contra sandice	82
IX - Transição	84
X - Naquele dia	85
XI - O menino é pai do homem.....	87
XII - Um episódio de 1814.....	91

XIII - Um salto	97
XIV - O primeiro beijo.....	99
XV - Marcela.....	102
XVI - Uma reflexão imoral	106
XVII - Do trapézio e outras coisas	107
XVIII - Visão do corredor.....	111
XIX - A bordo.....	113
XX - Bacharelo-me	118
XXI - O almocreve	120
XXII - Volta ao Rio.....	123
XXIII - Triste, mas curto.....	125
XXIV - Curto, mas alegre	127
XXV - Na Tijuca	129
XXVI - O autor hesita	132
XXVII - Virgília.....	135
XXVIII - Contanto que... ..	137
XXIX - A visita	139
XXX - A flor da moita.....	141
XXXI - A borboleta preta.....	143
XXXII - Coxa de nascença	145
XXXIII - Bem-aventurados os que não descem.....	147
XXXIV - A uma alma sensível.....	149
XXXV - O caminho de Damasco.....	150
XXXVI - A propósito de botas	151

XXXVII - Enfim!.....	153
XXXVIII - A quarta edição.....	154
XXXIX - O vizinho.....	157
XL - Na sege.....	159
XLI - A alucinação.....	161
XLII - Que escapou a Aristóteles.....	163
XLIII - Marquesa, porque eu serei marquês	164
XLIV - Um Cubas!.....	165
XLV - Notas	167
XLVI - A herança.....	168
XLVII - O recluso	171
XLVIII - Um primo de Virgília.....	173
XLIX - A ponta do nariz	174
L - Virgília casada.....	176
LI - É minha!	178
LII - O embrulho misterioso.....	180
LIII -	183
LIV - A pêndula.....	184
LV - O velho diálogo de Adão e Eva	186
LVI - O momento oportuno.....	188
LVII - Destino.....	189
LVIII - Confidência.....	191
LIX - Um encontro	193
LX - O abraço	197

LXI – Um projeto	199
LXII – O travesseiro.....	200
LXIII – Fujaamos!.....	201
LXIV – A transação	205
LXV – Olheiros e escutas.....	208
LXVI – As pernas.....	211
LXVII – A casinha	212
LXVIII – O vergalho.....	214
LXIX – Um grão de sandice	216
LXX – Dona Plácida.....	217
LXXI – O senão do livro.....	219
LXXII – O bibliômano.....	220
LXXIII – O <i>luncheon</i>	222
LXXIV – História de D. Plácida.....	224
LXXV – Comigo.....	227
LXXVI – O estrume	228
LXXVII – Entrevista	229
LXXVIII – A presidência.....	231
LXXIX – Compromisso	233
LXXX – De secretário.....	234
LXXXI – A reconciliação.....	236
LXXXII – Questão de botânica	239
LXXXIII – 13.....	241
LXXXIV – O conflito.....	244

LXXXV – O cimo da montanha	246
LXXXVI – O mistério	247
LXXXVII – Geologia	248
LXXXVIII – O enfermo	250
LXXXIX – <i>In extremis</i>	253
XC – O velho colóquio de Adão e Caim	255
XCI – Carta extraordinária	257
XCII – Um homem extraordinário	259
XCIII – O jantar	261
XCIV – A causa secreta	262
XCV – Flores de antanho	263
XCVI – A carta anónima	264
XCVII – Entre a boca e a testa	266
XCVIII – Suprimido	267
XCIX – Na plateia	269
C – O caso provável	271
CI – A revolução dalmata	273
CII – De repouso	274
CIII – Distração	275
CIV – Era ele!	278
CV – Equivalência das janelas	280
CVI – Jogo perigoso	281
CVII – Bilhete	283
CVIII – Que se não entende	284

CIX - O filósofo.....	285
CX - 31.....	288
CXI - O muro.....	289
CXII - A opinião.....	291
CXIII - A solda.....	293
CXIV - Fim de um diálogo.....	294
CXV - O almoço.....	295
CXVI - Filosofia das folhas velhas.....	297
CXVII - O Humanitismo.....	299
CXVIII - A terceira força.....	304
CXIX - Parêntesis.....	305
CXX - <i>Compelle intrare</i>	307
CXXI - Morro abaixo.....	308
CXXII - Uma intenção mui fina.....	311
CXXIII - O verdadeiro Cotrim.....	312
CXXIV - Vá de intermédio.....	315
CXXV - Epitáfio.....	316
CXXVI - Desconsolação.....	317
CXXVII - Formalidade.....	319
CXXVIII - Na Câmara.....	321
CXXIX - Sem remorsos.....	322
CXXX - Para intercalar no capítulo CXXIX.....	323
CXXXI - De uma calúnia.....	324
CXXXII - Que não é sério.....	326

CXXXIII – O princípio de Helvetius	327
CXXXIV – Cinquenta anos	328
CXXXV – <i>Oblivion</i>	329
CXXXVI – Inutilidade	330
CXXXVII – A barretina.....	331
CXXXVIII – A um crítico	334
CXXXIX – De como não fui ministro d’Estado	335
CXL – Que explica o anterior.....	336
CXLI – Os cães.....	338
CXLII – O pedido secreto.....	340
CXLIII – Não vou	343
CXLIV – Utilidade relativa.....	344
CXLV – Simples repetição	345
CXLVI – O programa.....	346
CXLVII – O desatino	348
CXLVIII – O problema insolúvel	350
CXLIX – Teoria do benefício.....	352
CL – Rotação e translação	354
CLI – Filosofia dos epitáfios.....	356
CLII – A moeda de Vespasiano	357
CLIII – O alienista	358
CLIV – Os navios do Pireu.....	360
CLV – Reflexão cordial	361
CLVI – Orgulho da servilidade	362

CLVII – Fase brilhante.....	363
CLVIII – Dois encontros	365
CLIX – A semidemência.....	366
CLX – Das negativas.....	368
Glossário.....	369

APRESENTAÇÃO

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:
ITINERÁRIOS E SENTIDOS DE UMA REVOLUÇÃO

Por Lucia Granja

O aparecimento do romance

As *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1839-1908), vieram a público como um romance seriado, publicado na *Revista Brasileira*, em geral a cada 30 dias, entre abril e dezembro de 1880. Logo após, em janeiro de 1881, a narrativa ganhou a forma de livro, composto e impresso pela Tipografia Nacional, tendo sido o próprio Machado de Assis o seu editor (*publisher*), ou seja, aquele que cuidou da composição, pagou pela edição e se encarregou de sua distribuição.¹

A *Gazetinha*, periódico do Rio de Janeiro fundado em 1880 por Arthur Azevedo (1855-1908) e Aníbal Falcão (1859-1900), evidencia o que outros documentos mostraram recentemente: no mesmo mês de janeiro de 1881, a imprensa confirmou que Machado de Assis foi o editor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Na edição número 12, de 1881, diz-se que “Machado de Assis acaba de dar-nos em livro nitidamente impresso na Tipografia Nacional as suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, já publicadas nas páginas da *Revista Brasileira*”; já



¹ Granja, 2024a e 2024b.

o número 23, também de janeiro de 1881, noticia que “O Sr. B. L. Garnier comprou a edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*”.²

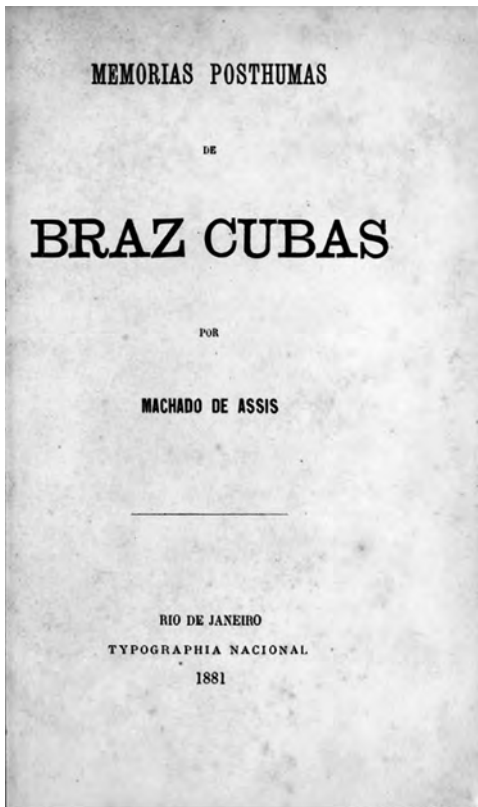


Figura 1: Folha de rosto da primeira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicada por Machado de Assis e impressa na Typographia Nacional. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4826>>.

² Agradeço a Raquel Campos pelo compartilhamento dessas informações sobre a *Gazetinha*.

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA 12 DE JANEIRO DE 1881

N. 12.

ASSIGNATURAS
 Para o ano
 BRASILEIRA..... 34000
 ANOS..... 68000
 Escripção, rua de Ovidio 112.

GAZETINHA

ASSIGNATURAS
 PROVICIAS
 BRASILEIRA..... 48000
 ANOS..... 96000
 Typographia, rua de S. José 11.

Numero avulso. . . 20 rs.

PUBLICAÇÃO DIARIA

Numero avulso. . . 20 rs.

CALENDARIO POSITIVISTA

Sexta-feira, 11 de Março
 (Theoria Inicial), 30º anno
 da grande crise.—CORRIGIDA.

Têm sido muito procuras os
 numeroes transaction da Gazetinha.
 Basta uma pequena quantidade,
 que de hoje em diante
 será vendida a 10 reis.
 No numero 7 e 11, do anno
 passado, e 5 dezoze annos já se
 reimprimiram.

Recebemos e agradecemos
 um exemplar do nobre ro-
 manço de Machado de Assis,
*Memorias Postumae de Brás
 Cubas*, sobre o qual diremos
 qualquer dia destes em folhe-
 tim.

appreciamos deste livro, que
 vem acrescentar as letras bra-
 sileiras, limito-me a estas sim-
 ples palavras:

« O Sr. Machado de Assis
 acaba de dar-nos em livro ni-
 tidamente impresso na typog-
 raphia nacional, as suas
*Memorias Postumae de Brás
 Cubas*, e que vem para a
 primeira vez publicadas nas
 paginas da Gazetinha. Estas
 memórias contêm um geral
 estimoio que merecemos.»

Decididamente o *Jornal do
 Commercio* é um grande pan-
 dingo.

Si se tratasse da apreciação
 de algum *periodico* tal, é
 provavel que lhe fossem mar-
 chadas algumas das direções
 a vista linear de composição,
 que hantem tomou o *Obriga-
 zio*.

Os redactores do *Jornal* não
 serão criticados para a so-
 ciedade *Just de Alencar*.

Recebemos hantem alguns
 numeroes do *Pesador*, organ
 dos interesses da sociedade
 moderna, que se publica no
 Maranhão.

É um dos periodicos mais
 bem escriptos de Norte.

Ha duas a *Gazeta de Tarde*
 notissima que o director de
 Moraes firmo autorizada, pelo
 ministerio da agricultura, a offe-
 recer ao naturalista *Obriga-
 zio* libros por diversos annos
 maritimos.

Estas animas, que estão en-
 tregadas ha dois annos e afi-
 rados para um canto do Ma-
 nhão, informam-nos que estão
 em tal estado, que não valen
 mais 70 vintões.

Chamamos a attenção do Sr.
 ministro da agricultura, para
 este facto.

K já que se trata da compra
 de annos maritimos é bom
 lembrar ao Sr. director uma
 pequena colleção de piruetas
 que há cá (no Manoel) atirada,
 em completo abandono, e ex-
 posta a seque do tempo.

A IMPRESSA GRANDE
 A *Gazeta de Noticias* publi-
 ca todos os dias ha 17 annos
 na Typographia o seguinte pe-
 riodo:

« Esta preciosa colleção ve-
 z a grande successo do *Almanach*,
 pelo brilhante esboço
 de paradas de que o compõe e
 todos os dias!»

LEITORES E TABOLETAS

Um taboleta da rua da Qui-
 landa, esquina da Seiz de Se-
 ptembro, dá a um leitore uma
 applicação novissima a apostro-
 pho:

Alga Escrava.

A rua dos Andrades.

*Grande Sarcophago de Baltha-
 zar* e *Tudo os Sarcophagos Fran-
 ceses* *Proprio para Fa-
 milias.*

O Seculo XIX está caído.
 Depois de ter proclamação
 machinas do descripto e agra-
 piamos, a philantropia moder-
 na, a supressão dos jesuitas,
 Comte, Littré, Victor Hugo,
 etc. deitou a rua do Ovidio
 um arruador, e pos-lhe esta
 taboleta:

Casa filial do seculo XIX.

O LEMOS YLUGO

Oito mezes depois de estru-
 var, o delirio Lemos (porquê
 não sei si sabem: o Lemos en-
 travejado, levou para casa—cho-
 ving—uma valizeira que pre-
 tendia regassar.

El regouren, vá vé!
 Os fundos de casa do Lemos
 eram separados apenas por
 uma creia do quintal de um
 vendilhão, que lhe era vi-
 nhão.

Um dia lembrou-se de acor-
 delhar a lambeca que fingisse
 mancor o vendilhão, e des-
 chei uma entrevista nos quin-
 tões, dizendo que estava be-
 nhão.

Si bem o disse o Lemos, me-
 lhor o fez a Felicia (chama-
 va-se Felicia).

Estas entrevistas succedi-
 am-se.

E o Lemos, sempre que pi-
 llava o vendilhão a conversar
 com a Felicia, entrava na venda
 abandonada e fazia feita pro-
 visão de carnes secas, feijão,
 farinha, latas de sardinhas,
 gordura de vinho etc.
 Ao fim de seis mezes deste
 supposto mancor, o pobre ta-
 vernaio quebrou fundamente
 e o Lemos (tinha a dis-
 pensa mais bem certida que
 jamais se viu.

No jury compareceram 30 ju-
 rados. Foram sorteados mais
 15 de lista supplementar e
 multados em vinte Moços que
 não compareceram.

O Sr. Julio de Vasconcelos,
 da redacção do *Cruzeiro*, está
 imprimindo um romance sob
 o titulo *Mis. Suprae*.

Leitores, estamos certos
 por a ter.

A BUA DO OUIDOR

Hontem fez um bonito dia.
 O sol estava azul, sem nu-
 vens, transparente, limpidio,
 claro e cheio de luz.

De arboriticos, os calés, as
 canoetarias e os charcuteiros
 estiveram abertos na casa de
 modas sem grandes popas de
 fazendas desdobraes pendon-
 das dos portões: os banhos, os
 instituteiros em permutas com
 todas as suas bagunças e
 quinquealarias nas vitrinas.
 Toda, tudo, festivo e riscaño,
 desafiando a appetite dos tran-
 seuntes, prouto a todo o mo-
 mento para dar o assalto á be-
 na do espiral.

No entanto lá estiveram na
 melhor hora (mas para tres de
 barde) quando o homem sta-
 po o passio, e notamos mui-
 to quoa ausência de moças.

Sim uma *leitice* digna de
 ser registada.

É bem provavel que tivemos
 por lá passado mais de uma
 até, mas a verdade é esta: nin-
 guém se apercebeu de tal.

Ento salem o que perdemos.
 Convocei a rua do Ovidio
 minha rapaziada linda e bonita.

Lá vimos o D. J., correcti-
 simo azul, raminos d'acordado
 de o chiveiro, chapoteado
 balzo, calça elegante estizada
 na perna e uma bengala am-
 brinca, branda e fravel como
 o corpinho da Rama-Sa. D.
 N. F.

A dois passos de distancia
 estava o J. H. ainda vestido
 com seus calés de que o J. J.

Estava com um terno claro,
 collarinho e punhos a ingle-
 za rigorosamente esticados, e
 platinas; sobre este um alfinete
 de ouro.

Passo á porta do Henrique.
 No momento em que já se
 retiramos o chapéo corcava-se
 delle o balão.

O balão... é o que é. Não ha
 qualificatio que lhe não aca-
 de melhor que a proprio ma-
 rir.

Mas, auctorisa-me delle e
 para aliquid.

Costo de R. J. Repetição com
 doze annos, esticados-lhas mto,
 adafutou-a, e deu institucio-
 namente tres piparros no ma-
 go do palatino no lugar onde a
 entre lhe accostava a mão.

DE FALCO EM FALCO

Chegante-hontem o Vinte
 de Paula Babio, o actor mais
 festejado pelas plateias do Nor-
 te, e que vem para o Lucinda.

O balão, além de ser muito
 intelligente, telestano, corceto,
 é perfido cavalheiro e bom
 amigo.

É o caso de dir os parabens
 ao Furtado Coelho pelo
 seu papel de mestre de fazer,
 e ao publico pelo muito que
 lhe deve agradecer o distincto
 actor bahiano.

Companha-se sua esposa, e
 actriz D. Maria Balas.

Parece que desta vez o Bent
 Anna tem para perna.

O *compositor* no convenio,
 e bellissimo opereta de Varney,
 em atrahido aquelle theatro
 muita concorrência.

Grande numero de familias
 assistiram hontem e ante-ho-
 tem a representação da espiri-
 tualisação popa.

Uma novidade que se não
 sabemos, e que talvez não
 tenha muito logor nesta accão:
 Laira Leonard, como já se
 sabe, desligou-se da compa-
 ãha do Lucinda, antes mesmo
 de entrar.

Não tem theatro.
 O Principe lá está com a
 Appollonia a Pharis e a Re-
 torico de paradas de mais,
 e ella dezoze seguir o genero
 dramatico.

Figura 2: *Gazetinha*. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1881, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706850&pesq=&pagfis=45>>.

Baptiste-Louis Garnier, principal editor do Rio de Janeiro àquela época, já havia publicado alguns dos livros de Machado de Assis até então: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Americanas* (1875) e *Helena* (1876). Mas, em *Memórias póstumas*, ele só atuou como vendedor de livros na cadeia que une a escrita de um texto ao leitor. Entre os poucos documentos de Garnier que nos restaram, está o seguinte:



Figuras 4 e 5: Recibo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, assinado por Machado de Assis em 12 de janeiro de 1881, frente e verso. Fonte: <https://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier/Recibo_Machado_de_Assis_Mem_Pos_Bras_Cubas.pdf>.

Recebi do Ilmo. Sr. B. L Garnier a quantia de seiscentos mil-réis, importância de quatrocentos e setenta exemplares do meu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obrigando-me a não fazer 2ª edição do referido livro antes que o dito L. Garnier haja vendido aqueles exemplares.

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1881

Machado de Assis

Pª 190, Nª 488

Machado de Assis

Memórias de Brás Cubas

R\$ 600\$000

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1881

Recibo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 12 de janeiro de 1881.³

No recibo acima, de 12 de janeiro de 1881, assinado por Machado de Assis, o pronome oblíquo fala por si: “obrigando-me a não fazer 2ª edição do referido livro antes que o dito L. Garnier haja vendido aqueles exemplares”. Machado de Assis, o autor, cuidou da primeira edição do livro, tornando-se editor de si mesmo. Já Garnier, o editor prestigiado, também proprietário da livraria mais badalada do Rio de Janeiro, tornava-se vendedor dos exemplares. Todas essas curiosidades ganharão aqui desdobramentos críticos.

Onze amigos foram ao enterro de Brás Cubas, como o autor-narrador relembra no capítulo I, “Óbito do autor”. O número exíguo também se aplica aos exemplares deixados sob custódia de venda na Garnier: 470 livros, quantidade incomum para uma tiragem que se supõe ter sido originalmente de mil exemplares,

³ Este documento foi encontrado graças ao trabalho de pesquisa de fontes de Alexandra Pinheiro, que recuperou os “42 contratos e 33 recibos de transações efetivadas por Garnier” (Pinheiro, 2008, p. 172). Disponível em <https://www.circulacaodosimpresos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier/Recibo_Machado_de_Assis_Mem_Pos_Bras_Cubas.pdf>.

como já havia acontecido com outras obras de Machado, *Falenas* e os *Contos fluminenses*, e como era comum acontecer e pode-se verificar em contratos de Garnier com outros autores, Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo. O que significam essa quantia de exemplares dos livros e o valor que Machado recebeu por ela? Seiscentos mil-réis divididos por quatrocentos e setenta exemplares perfazem o valor de R\$ 1\$276,59 (lendo a notação da época, um mil duzentos e setenta e seis réis e cinquenta e nove centavos). Como mostra o anúncio de venda que Garnier publicou nos jornais, ele comercializaria os exemplares por 3\$000 (três mil-réis).

Sahio á luz e vende-se na livraria do editor B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 71, as

MEMORIAS POSTHUMAS

DE
BRAZ CUBAS
por
MACHADO DE ASSIS

1 bonito vol. in-8º nitidamente impresso. br.	3\$000
DO MESMO AUTOR	
Americanas, poesias, 1 v. in-8º enc. 3S. br..	2\$000
Contos fluminenses, 1 v. in-8, enc. 3S. br. . .	2\$000
Helena, romance, 1 v. in-8º, enc. 3S. br.	2\$000
Resurreição, romance, 1 v. in-8º, enc. 3S. br.	2\$000
Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8º, enc. 3S. br.	2\$000
Phalenas, poesias, 1 v. in-8º, enc. 3S. br. . .	2\$000
Historias da meia-noite, 1 v. in-8º, enc. 3S. br.	2\$000

Figura 6: *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1881, p. 6. Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pagfis=2420>.

O lucro maior ficava nas mãos de Garnier na função de livreiro, pois o editor Machado de Assis, provavelmente, só conseguiu pagar pelos custos da publicação, ou pouco mais que isso. Sobre os outros 530 exemplares, quem sabe? Machado deve ter ficado em posse deles. Certamente, enviou alguns a amigos e a periódicos das principais capitais de províncias brasileiras, prática da época (a própria *Gazetinha*, de 12 de janeiro de 1881, agradece pelo recebimento de um exemplar). Na falta de outros documentos, a imaginação aqui nos ajuda. Pode ser também que, conforme fossem sendo vendidos, o autor-editor reabastecesse a livraria de Garnier, sob novos contratos/recibos de que não mais dispomos; talvez Machado vendesse ele mesmo alguns exemplares, ou tentasse fazer contratos de venda com livrarias portuguesas (no Rio de Janeiro, ele não poderia expor em outras livrarias; o recibo evidencia a exclusividade da Garnier, tanto é que aponta para uma provável cláusula contratual – o contrato em si não nos restou –, que impedia a realização de uma nova edição antes que Garnier tivesse comercializado todos os exemplares que compunham aquela primeira, o que explica o porquê de o romance não ter sido reeditado durante a vida de Baptiste-Louis Garnier, falecido em 1893). Mais uma vez, é preciso atenção: entre 1881 e 1893, doze anos, ao que tudo indica, B. L. Garnier não vendeu nem mesmo os 470 exemplares; ou isso, ou não quis participar como editor ou vendedor de livros de uma nova edição. No fim das contas, a segunda edição das *Memórias póstumas* em formato de livro – denominada “terceira edição” porque a da *Revista Brasileira* passou a ser considerada a primeira – somente seria publicada em 1896, já pela editora sediada em Paris, de Hippolyte Garnier, herdeiro do irmão Baptiste-Louis. Nesta nova publicação, tomamos como base para o texto a quarta edição, de 1899, pois foi a última que Machado de Assis publicou em vida.